

Reprodução



**WILHELM  
DILTHEY:**  
FILÓSOFO  
DA VIDA E  
CLÁSSICO DA  
FILOSOFIA  
HERMENÊUTICA

---

*Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral*

---

“Quando, no outono passado, Wilhelm Dilthey morreu – demasiado cedo, pois, apesar dos seus 79 anos, ele não era um homem idoso, tendo sido arrancado do seu trabalho mais fecundo –, a ressonância desse fato nos jornais foi assustadoramente insignificante. Na verdade, só se manifestaram seus discípulos mais íntimos, um pequeno grupo de oito ou nove homens que nos últimos vinte anos tinham trabalhado pessoalmente com ele, formando um verdadeiro centro de estudo” (Nohl, 1984, p. 275).

Essas palavras, em tom de melancólica resignação, foram proferidas por Herman Nohl, discípulo e um dos mais próximos colaboradores de Dilthey, em conferência proferida em 1912, na Sociedade Filosófica de Jena, em homenagem à memória do filósofo.

No ano de 2011, em outubro, as inúmeras homenagens prestadas a ele em comemoração ao centenário de sua morte, principalmente na Europa, revelaram reconhecimento e respeito pelo valor de sua obra, embora ainda por parte de um público especializado. Colóquios, simpósios e congressos internacionais foram realizados na Academia de Ciência de Berlim (de onde era membro), na Itália (Bolsano e Merano), na Polônia (Universidade de Breslávia, onde foi por longo tempo professor) e França (Lille), entre outros. O colóquio “Antropologia e História”, realizado em Merano, representou a coroação das comemorações internacionais de Dilthey. A conclusão das atividades configurou um modo especial e único de honrar sua vida valiosa, reconhecida hoje internacionalmente. Exatamente cem anos depois de sua morte, em um sábado, 1º de outubro de 2011, o prefeito do vilarejo de Kastelruth descerrou uma placa fixada em um muro de rua na qual se podia ver seu nome, dados e foto.

Otto Friedrich Bollnow (1982, p. 184), da segunda geração de discípulos de Dilthey, ressalta o fato de ser póstuma a fama

de Dilthey como filósofo. A que se deveria, pois, o fato de não ter tido o autor, no curso de sua longa vida, o reconhecimento público que obteve após sua morte? Como motivo principal da fria acolhida da parte do público costumam seus estudiosos fazer referência ao mais completo descaso com que encarava o trabalho atinente à publicação de seus escritos. Seus discípulos mais chegados sabiam perfeitamente que ele temia perder seu tempo, que o avançar da idade tornava cada dia mais precioso, com edições e reedições de obras já escritas quando poderia empregá-lo melhor dando continuidade a trabalhos ainda incompletos. Aliás, a angústia a que o levava a ideia de morrer deixando inacabados seus trabalhos parecia oprimi-lo constantemente, sobretudo nos últimos anos de sua vida. Parecia pressentir o fim próximo. Foi em uma viagem que fez à pequena cidade de Seiss am Schlern, no sul do Tirol. Apesar de ter ido passar ali férias, estava tão concentrado em seus estudos e leituras (livros e materiais de trabalho eram sempre despachados com antecedência para que quando chegasse estivessem já a sua disposição) que não percebeu estar o salão de refeições do hotel a cada dia mais vazio em função de um surto de difteria que grassava no local, fazendo com que as pessoas fugissem. Não tendo sido avisado pela administração do hotel, inteiramente obcecado por desenvolver suas ideias, acabou contraíndo a doença e saiu de lá morto.

Nada a estranhar, portanto, que ao morrer, em 1911, duas grandes obras suas se encontrassem desde longo tempo esgotadas: a *Vida de Schleiermacher* (1870) e a *Introdução às Ciências do Espírito* (1883). Não obstante, Dilthey ganha alguma publicidade em vida com a publicação da *História da Juventude de Hegel* (1905) e de uma série de ensaios reunidos sob o título de *Vivência e Poesia* (1906). Tais ensaios alcançaram grande repercussão atingindo várias edições antes da morte do autor, cujo nome, a partir desse momento, ficou fortemente ligado a tais escritos. Graças à destacada atuação no campo literário e no da ciência da arte, o reconhecimento de seus contemporâneos não tinha por

alvo o filósofo, mas o “arguto historiador do espírito”. O próprio sentido fundamental da filosofia diltheyana, isto é, a elaboração de uma “crítica da razão histórica”, compendia-se em sua principal obra sistemática, *Introdução às Ciências do Espírito* (1883), teve repercussão comparativamente diminuída. Após a divulgação do primeiro volume, do segundo apareceram apenas fragmentos. A despeito do plano original, o segundo volume, tanto da *Vida de Schleiermacher*, quanto da *Introdução às Ciências do Espírito*, não foi publicado. Dilthey continuou trabalhando em uma série de estudos sistemáticos que foram divulgados em Berlim nos anos 90 nas *Atas da Real Academia Prussiana de Ciências*, gênero de publicação que, por natureza, não poderia tornar conhecidos do grande público os esforços do autor no sentido de estabelecer a fundamentação das ciências do espírito, principalmente porque tais tratados apareceram espaçadamente, desligados uns dos outros, sem qualquer indicação explícita do autor no sentido de justificar o nexo sistemático existente entre eles.

Entre as últimas publicações que antecedem a morte do autor, estão dois grandes tratados: *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências do Espírito* (1910) e *Os Tipos de Concepção do Mundo e sua Formação nos Sistemas Metafísicos* (1911). A teoria diltheyana da concepção do mundo exerce grande influência na literatura e na arte, o que reforça ainda mais a imagem de Dilthey como o “arguto historiador do espírito”, permanecendo o real propósito sistemático-filosófico do autor praticamente sem chamar a atenção dos contemporâneos. Bastante característico da pouca ressonância do nome de Dilthey é o relato, misto de indignação e resignação, de José Ortega y Gasset na época em que era aluno na Universidade de Berlim em 1906. Não teve a sorte de conhecer Dilthey, que apenas poucos anos antes havia passado a dar suas aulas não mais no prédio da Universidade, mas em sua casa, para onde convidava alguns poucos eleitos para ouvi-lo. Ortega manifesta a mesma queixa daqueles que se ocupavam com seu pensamento na

aquele momento: conhecia-se pouco sobre ele e não se imaginava que houvesse muito mais a ser conhecido no futuro. Quando só em 1929 teve contato com a amplitude e profundidade da obra de Dilthey, lamentou os, pelo menos, dez anos que havia perdido em sua vida e, ao introduzir seu artigo em homenagem ao centésimo aniversário de Dilthey, portanto já em 1933, fez questão de apresentá-lo ao leitor como um filósofo, na certeza de que não estaria incorrendo em desrespeito ou redundância, dada a pequena ressonância que seu nome ainda tinha fora da Alemanha, apesar de, na sua opinião, ter sido o filósofo mais importante da segunda metade do século XIX.

Com a morte de Dilthey, em 1911, tem início uma correção dessa visão distorcida do autor, objetivo defendido com grande interesse pelos seus discípulos já empenhados na tarefa de organização de suas *Obras Completas*. A edição das *Obras Completas* (*Gesammelte Schriften – GS*) tinha papel importante para o pensamento diltheyano, isto é, corrigir posteriormente aquela visão deformada que a crítica lhe imputara. Todavia, semelhante edição não partiu de um plano unitário. Supõe-se que seus editores originais, Georg Misch, Groethuysen e Herman Nohl, tinham em mente apenas reeditar as poucas obras que haviam sido publicadas por Dilthey em vida, completando-as unicamente, então, com breves publicações das póstumas. Hoje se sabe que seus discípulos, mesmo os mais próximos, não tinham noção da amplitude de sua obra no seu conjunto. E isso pode ser testemunhado por um deles, Herman Nohl, que tornou pública uma confissão que o autor lhe fizera, provavelmente ao pensar nos incontáveis manuscritos que jaziam em seus armários: “Os senhores vão ralar comigo quando eu morrer”.

A publicação dos primeiros volumes das *Obras Completas* foi interrompida pela Primeira Guerra Mundial, tendo seu recomeço sido marcado pela publicação dos volumes V e VI em 1924. Georg Misch, genro do autor, então editor dessas duas obras, fez um longo relatório preliminar, procurando dar

**MARIA NAZARÉ DE CAMARGO PACHECO AMARAL** é professora titular da FE-USP e autora de, entre outros, *Ninguém Ensina Ninguém: Aprenda-se* (Edusp/Fapesp).

ênfase à unidade sistemática do pensamento diltheyano. Semelhante trabalho favorece em grande parte o “despertar” da imagem do Dilthey filósofo, isto é, desvela-se o abrangente pensador sistemático. O aparecimento em seguida do volume VII (1927) e do volume VIII (1931) das *Obras Completas*, organizados por B. Groethuysen, contribui também decididamente para confirmar a nova imagem do autor, na medida em que inclui a publicação de trabalhos ligados em seu conjunto à fundamentação filosófica das ciências do espírito.

Essa repercussão da filosofia diltheyana teve, todavia, efeito passageiro, motivado por diferentes fatores. Entre eles, a publicação de *O Ser e o Tempo*, de Heidegger, em 1927, que teria desviado o centro das discussões filosóficas no âmbito da fundamentação das ciências do espírito. Além disso, a filosofia de Karl Jaspers (1932) aparece como decisiva radicalização da filosofia da vida. Apesar do esforço de Georg Misch ao publicar seu livro *Filosofia da Vida e Fenomenologia* (1930), em que procura aprofundar a filosofia diltheyana, discutindo determinados pontos do pensamento de Heidegger e Husserl, o domínio do nacional-socialismo punha fim à livre discussão filosófica na Alemanha. Dilthey foi visto pelos nacional-socialistas como representante do odiado pensamento liberal burguês; Heidegger foi tido como perigoso niilista; G. Misch precisou viajar para a Inglaterra; e o livro de O. F. Bollnow, *Wilhelm Dilthey, uma Introdução em sua Filosofia* (1936), permaneceu sem nenhuma ressonância. A publicação das *Obras Completas* sofre nova interrupção depois do aparecimento do volume IX (1934) reunido por Erich Weniger.

Mesmo depois da Segunda Guerra Mundial nota-se um retorno muito hesitante em direção à obra diltheyana, sendo que só a partir da década de 60 foi possível observar novamente interesse mais marcante pelo seu pensamento. A publicação de *Verdade e Método: Fundamentos de uma Hermenêutica Filosófica* (1960), por Hans Georg Gadamer, desperta atenção pelos problemas da hermenêutica ao reconhecer a dimensão

hermenêutica no âmbito das ciências do espírito, conforme as intenções do próprio Dilthey. Além disso, a morte de importantes discípulos, como Herman Nohl (1960) e Georg Misch (1965), além de Clara Misch (1967), filha de Dilthey, permitiu que cartas, documentos pessoais, cópias de obras que se encontravam em poder desses discípulos e da família viessem a formar um arquivo do autor. A partir daí, os anos 60 foram marcados pela continuidade da edição das *Obras Completas*, interrompida no volume XII. M. Redeker encarregou-se dos volumes XIII (1970) e XIV (1960) e, desde o volume XV até o XXVI, coube a responsabilidade de organização dessa sequente edição a K. Gründer e F. Rodi a partir dos anos 70, no então recém-inaugurado Centro de Estudos de Dilthey em Bochum. Semelhante tarefa tão volumosa nutriu-se das *Obras Completas* de Dilthey depositadas na Academia de Ciências de Berlim, na época fazendo parte da República Democrática Alemã.

Com esse incansável trabalho, procurou-se reconstruir o sistema diltheyano de fundamentação das ciências do espírito e, como resultado imediato, obteve-se, desde o início dos anos 80, um interesse cada vez maior e mais vivo pelo pensamento e obra de Dilthey, que, por sua vez, desencadeou uma demanda mundial de traduções para diferentes línguas vernáculas. Vieram ao encontro dessa busca projetos de tradução de universidades americanas, francesas, russas, brasileiras, todos eles financiados pela Fundação Fritz Thyssen. Entre os projetos em andamento encontram-se as traduções japonesas e chinesas, além de iniciativas individuais na Itália. Por influência, principalmente de Ortega y Gasset, já havia aparecido, relativamente cedo, a partir de 1944, uma série de traduções de obras de Dilthey para o espanhol. Referimo-nos à edição mexicana do Fondo de Cultura Económica apresentada em oito volumes por Eugénio Imaz, entre outros. Tal trabalho exerceu enorme influência sobre a recepção de Dilthey no mundo ibero-americano. Lorenzo Luzuriaga responde também por dois volumes das obras pedagógicas de Dilthey,

traduzidos para o espanhol e publicados já a partir de 1940 pela editora Losada, em Buenos Aires. Surgem mais recentemente, no mundo de língua portuguesa, dois volumes de textos filosóficos de Dilthey, publicados em Portugal. Finalmente, no ano de 2010 a Edusp, com financiamento da Fundação Fritz Thyssen em Colônia, publica um volume grande de textos selecionados de Dilthey, incluindo parte significativa da obra do filósofo e pedagogo alemão<sup>1</sup>.

O efervecer do interesse pela obra de Dilthey, nos anos 80, foi ainda marcado, em 1983, pela comemoração vibrante em diferentes países, sobretudo Alemanha, Itália e Estados Unidos, do 150º aniversário do filósofo alemão e do centenário da publicação de sua obra *Introdução às Ciências do Espírito*. A edição do *Anuário de Dilthey para Filosofia e História das Ciências do Espírito* também está entre as conquistas efetivadas em 1983. Nos seus quase vinte anos de duração, com doze volumes publicados, representou uma tentativa bem-sucedida de harmonizar discussões filosóficas e arquivos de publicações inéditas nacionais e internacionais. Como a mais recente homenagem a Dilthey e justapondo-se à comemoração do centenário de sua morte, o Centro de Estudos de Dilthey em Bochum festejou seus quarenta anos de existência, concomitantemente com os cinquenta anos da Universidade de Bochum. No final de novembro de 2011, realizou-se evento com participação da cúpula da universidade para inauguração e exposição de livros publicados na Alemanha e em outros países, como Estados Unidos, Brasil, Itália, França, Polônia, Rússia, livros esses que tiveram relação com trabalhos e pesquisas do Centro de Estudos. Foi também organizada uma vasta bibliografia sobre toda a produção do centro nesse período. É ainda da responsabilidade dele o desenvolvimento de novo projeto de publicação da correspondência de Dilthey, previsto para quatro volumes, sendo que o primeiro, com 900 páginas, já veio a público no ano de 2011.

Apesar de a edição das *Obras Completas* ter chegado ao fim com seus 26 volumes,

depois de uma não muito afortunada e por isso mesmo longa trajetória, os esforços dos estudiosos para reconstruir o sistema diltheyano de fundamentação das ciências do espírito foram coroados de pleno êxito, erigindo Dilthey ao nível de filósofo clássico do pensamento do século XIX. Todavia, diferentemente de Kant, Hegel, Schopenhauer e Nietzsche, por ter tido atuação destacada principalmente dentro dos limites da tradição acadêmica, Dilthey permanece ainda hoje pouco conhecido do grande público.

Dilthey é considerado um filósofo da vida responsável pela fundamentação filosófica das ciências do homem, da sociedade e da história por ele denominadas de ciências do espírito, delimitando-as com total independência das ciências da natureza. Semelhante fundamentação das ciências do espírito, conferindo-lhes conceito rigoroso e assegurando-lhes cientificidade sem nenhuma necessidade de se subjugarem aos conceitos ou métodos das ciências da natureza, rendeu-lhe o reconhecimento de ser o primeiro clássico da filosofia hermenêutica. Sua filosofia da vida representa o símbolo mais elevado de sua busca da certeza teórica, todavia direcionada a um objetivo instrumental eminentemente prático, isto é, alcançar uma base segura para o agir. Toda especulação teórica só é verdadeira se possibilitar orientação prática, ou condições para o estabelecimento de regras do comportamento individual ou para conduta social além de métodos e objetivos para a educação. Caberá à filosofia ensinar-nos como atuar no mundo e isso somente a partir do conhecimento claro do grande nexos de leis que comandam as realizações sociais, intelectuais e morais do homem, conhecimento esse que constitui a fonte de todo seu poder (*GS*, V, p. 27).

Com vistas a abrir o interior do homem para descobrir esse grande nexos de leis, Dilthey guia seus passos inicialmente orientado pelos métodos analítico-descritivo e histórico-antropológico. Tais métodos devem permitir à psicologia e à antropologia ter acesso efetivo à compreensão de nossa vida psíquica, como um todo, base a partir da

<sup>1</sup> Trata-se do livro *Filosofia e Educação: Textos Selecionados de Wilhelm Dilthey*, com 527 páginas, e organização e introdução minhas.

qual se torna possível atingir o conhecimento conjunto dos fenômenos históricos, tratados por suas respectivas ciências do espírito. Dilthey parte do nexos estrutural de nossa vida psíquica que espelha toda a complexidade e riqueza próprias de nossa realidade histórico-social. É justamente o reconhecimento das relações de cada uma das ciências do espírito, em particular, com o nexos psíquico, originalmente existente na base de todas elas ao mesmo tempo, que possibilita à psicologia fundamentar a autonomia bem articulada do conjunto das ciências do espírito. A análise e descrição do nexos de nossa vida psíquica mostra-nos que ele está sempre atrelado em seu desenvolvimento regular e típico a concretizações históricas singularizadas e vivas. O método histórico-antropológico vem ao encontro das necessidades da psicologia permitindo uma apreensão tipológica de conteúdos dos estados psíquicos. “Psicologia e antropologia passam então a constituir o fundamento de todo conhecimento da vida histórica, assim como de todas as regras de direção e aperfeiçoamento da sociedade” (*GS*, I, p. 32).

Dilthey, buscando aprofundar ainda mais o conhecimento das qualidades gerais do homem como elemento da sociedade, detecta estar o nexos estrutural da vida psíquica enraizado na própria estrutura da vida.

“A expressão vida significa aqui em primeiro lugar aquilo que para cada um é o mais conhecido, o mais íntimo. O que é a vida está dado na experiência. Nós a vivenciamos, e ainda assim ela é para nós um enigma. Mas nós sabemos como ela se comporta e como se caracteriza. Ela está onde existe uma estrutura que vai do estímulo ao movimento. Esse progresso do estímulo ao movimento está por toda parte ligado a um fenômeno orgânico. Nessa estrutura, que vai do estímulo ao movimento, como que se encontra o segredo da vida. A unidade da vida está sempre na conexão dessa estrutura” (*GS*, XIX, p. 344; cf. também *GS*, XIX, p. 345)<sup>2</sup>.

É-nos autorizado falar de uma estrutura ou tipo de vida psíquica que progride desde

as organizações de vida mais simples e rudimentares até as mais ricas e mais complexas, como a do homem. O que diferencia brutalmente a organização humana daquela dos animais inferiores é a existência de membros de conexão cada vez mais numerosos, mais ricos e complexos entre o estímulo e o movimento, entre a impressão e a reação. Semelhante estrutura vital é um nexos, sendo que em níveis mais elevados dessa linha de evolução o nexos psíquico representa a unidade de consciência. Juntamente com ela nos é dada a consciência do mundo exterior. Uma e outra provêm da vitalidade de nosso eu, isto é, do exercício do nexos psíquico estrutural do homem com sua interligação de funções do pensar, sentir e querer em contínuo relacionamento com o meio.

O esquema fundamental parece ser bastante simples e rudimentar: o homem, esse “feixe de impulsos”, como Dilthey o chama, é pressionado pela necessidade de buscar satisfação para seus impulsos e, por esse motivo, movimenta-se. Semelhante atuação é subjetiva, imanente e teleologicamente orientada com vistas não apenas a alcançar a conservação do indivíduo e da espécie ou aumentar a organização entre os seres vivos, mas também a responder por todos os efeitos finalistas na vida humana, na sociedade e história.

Em outras palavras, a estrutura psíquica emergente das camadas mais subterrâneas da vida orgânica é capaz de, em interação criativa com o meio, conceber a realidade apoiada na realização de valores e proposição de fins graças às sempre crescentes e mais complexas diferenciações que essa estrutura original acolhe em seu seio, sem, com isso, permitir qualquer brecha ou ruptura de continuidade em sua linha de evolução<sup>3</sup>.

Na base da unidade estrutural fundamental nascem as vivências, um dos pilares que sustentam o mundo histórico social ao lado da “expressão” e da “compreensão. O conjunto das vivências compõe, então, sobre a base sólida desse nexos estrutural original, o nexos adquirido da vida psíquica, passível de ser compreendido graças às formas objetivas de expressão da vida nele contidas. No jogo entre

2 Uma avaliação mais rigorosa da importância do conceito de estrutura em Dilthey e da origem da influência indireta do evolucionismo spenceriano sobre o filósofo alemão (via Theodor Ribot) encontra-se em Rodi (1987). Cf. *GS*, XXIV, 56; *GS*, V, 215; além de *GS* VI, 63.

3 Para Helmut Johach (1974, p. 100), existe dentro de certos limites uma linha de desenvolvimento psíquico que vai da variedade à unidade, da estrutura geral fisiológica à psíquico-espiritual.

impulso e resistência o homem exercita a vitalidade de suas forças psíquicas. Ele vivencia.

A psicologia, já dilatada em seus domínios para fazer jus aos bons frutos do método histórico-antropológico, ao pretender fundamentar o conhecimento das ciências do espírito a partir da compreensão do evoluir histórico das expressões objetivas das vivências, acaba por desembocar na hermenêutica. O procedimento hermenêutico fundamenta-se justamente no reforço do balanço pendular entre o todo e a parte, o universal e o singular. “Eu devo compreender o todo”, declara Dilthey, “a partir do singular e o singular a partir do todo. Dessa contradição resulta o procedimento do hermenêuta” (GS, XX, p. 107). Vivência constitui o verdadeiro ponto médio entre o geral e o individual, o universal e o singular, o ideal e o real, uma vez que por constituição carrega em si uma consciência eficaz e por isso consoladora e protetora de sua origem extraindividual na “esfera das coisas comuns” a que pertence e em certo sentido também lhe pertence. “Nós nos sentimos em

casa nesse mundo da compreensão histórica, nós compreendemos sentido e significado de tudo, nós mesmos estamos como que tecidos nessa esfera das coisas comuns” (GS, VII, p. 147). Se esse fundo comum também pertence à vivência é porque os indivíduos na singularidade de suas vivências coexperimentam valores, objetivos, expressões, significados, crenças e, assim atuando, coparticipam da criação ou construção desse todo do mundo histórico-social<sup>4</sup>. O significado que objetos e pessoas adquirem para nós em meio a essa esfera das coisas concebidas, apreciadas e valorizadas em comum parece constituir o apoio sólido capaz de sustentar a objetividade das formas de expressão da vivência como expressões históricas da vida do espírito, viabilizando, conseqüentemente, sua compreensão, símbolo máximo da tarefa das ciências do espírito. A viabilidade de semelhante tarefa hermenêutica deve-se, em última instância, à vida do espírito que, como um cordão invisível, permeia as objetivações da vida histórica com uma energia infinitamente soberana.

4 Para Gadamer (1965), “a vivência tem uma estrutura hermenêutica” e em função disso “ela se autointerpreta”.

## BIBLIOGRAFIA

- BOLLNOW, O. F. *Studien zur Hermeneutik*, vol. 1 (Zur Philosophie der Geisteswissenschaften), Freiburg/München, 1982.
- GADAMER, H. G. *Wahrheit und Methode Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik*. 2ª ed. Tübingen, 1965, pp. 286-300.
- JOHACH, Helmut. *Handelnder Mensch und Objektiver Geist. Zur Theorie des Geistes und Sozialwissenschaften bei W. Dilthey*. Meisenheim am Glam, 1974.
- NOHL, Herman. “Zur Neuausgabe der Werke Diltheys”, in F. Rodi e H. U. Lessing (orgs.), *Materialien zur Philosophie Wilhelm Diltheys*. 1ª ed. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1984.
- RODI, F. “Dilthey Concept of Structure within the Context of 19th Century Science and Philosophy”, in Rudolf Makkreel and John Scalon (orgs.). *Dilthey Phenomenology*. Center for Advanced Research in Phenomenology & University Press of America, Washington, D.C., 1987, pp. 107-21.
- \_\_\_\_\_. “O Conceito de Estrutura em Dilthey”, tradução de Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral, in *Revista USP*, nº 2, São Paulo, 1989, pp. 117-24.